

# O REGIONALISMO EM “INOCÊNCIA” DE TAUNAY

Benilde Justo Caniato<sup>1</sup>

**RESUMO:** A principal obra de Taunay, *Inocência* (1872), revela cenários e costumes do sertão brasileiro, região onde se confluíam as províncias de Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais e São Paulo, constituindo valioso documento dialetológico do falar sertanejo do centro-oeste do Brasil. Seu regionalismo resulta da observação direta do sertão e do sertanejo, dando uma visão daquele interior brasileiro. O sertanejo demanda por aqueles capões, saudando alegremente os formosos coqueirais, cuja ninfa lhe há-de “estancar a sede e banhar o afogado rosto”.

**PALAVRAS-CHAVE:** sertanejo; cerrados; regionalismo; costumes; romantismo.

**SUMMARY:** *Tunay's main opus, Innocence (1872), discloses sceneries and customs of the Brazilian hinterland, region where the provinces of Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais and São Paulo are located, constituting valuable dialetologic document of the inlander's speech in the mid-west of Brazil. Its regionalism results of the direct observation of the hinterland and the inlander, giving a vision of that Brazilian inland region. The inlander searches for those copses, greeting gladly the beautiful coconut trees, whose nymph shall quench his thirst and bathe his hot face.*

**KEY-WORDS:** inlander; woodsy pasture; customs; romanticism

## 1. INTRODUÇÃO

O português transplantado, além da concorrência da “língua geral?”, sofreu, ao longo do período colonial, uma deslocação decorrente das condições históricas, sociais e geográficas, determinando um tipo lingüístico diferente, cujas divergências acidentais permitiam reconhecer um aspecto brasileiro da língua portuguesa. Com o tempo foi ganhando diversidade devido ao contato com as línguas africanas e com as línguas européias, estas provenientes da imigração

Até o século XVIII havia o seguinte panorama lingüístico no Brasil:

a) o português falado no litoral por brancos e seus descendentes, sobretudo

apresentando-se com aspectos de notável unidade;

b) um “crioulo” ou “semi-crioulo”, ou seja, o uso simplificado do português falado por mestiços, índios e negros;

c) a “língua geral”, falada por índios aculturados e também por mamelucos e brancos em suas relações com o gentio; morfologicamente reduzida, sem declinação nem conjugação. (SILVANETO, 1950, p. 57-59)

A influência da “língua geral”<sup>3</sup> foi grande durante os primeiros cem anos. Gramaticalizada por Anchieta (*Arte da gramática da língua mais usada na costa do Brasil*, 1595), e mais tarde pelo Padre Luís Figueira (1621), em virtude de sua simplicidade foi usada pelos padres

como língua missionária. A gramática da “língua geral” teve como modelo a estrutura da língua latina, porque o latim era o modelo das línguas dos “civilizados”, o que resultou uma gramática de uma língua indígena mais aperfeiçoada, mais disciplinada. Foi essa a língua usada na catequese. Os colonizadores também procuravam conhecê-la. Com o passar dos anos de colonização, sobretudo com o aumento de imigrantes portugueses, a partir das descobertas das minas, e de escravos africanos, dilui-se o elemento indígena, e a “língua geral” vai-se limitando a povoações do interior e aldeamentos dos jesuítas.

O ensino da língua portuguesa iniciou-se quando, por Carta Régia de 1727, D. João V determina que os jesuítas ministrassem português aos índios nas escolas, eliminando a “língua geral”. Mas o português somente se restringia à alfabetização, passando depois para a gramática latina do padre Manuel Álvares. Posteriormente, o método alvarístico foi desaconselhado por Luís Antônio Verney, impondo-se desde aí o ensino da língua portuguesa.

Em 1770, por Alvará Régio, Pombal adota oficialmente a *Gramática Portuguesa de Antônio dos Reis Lobato*, em cuja “Introdução” se destaca a necessidade de uma gramática para “se falar sem erros e para saberem os fundamentos da língua que se fala usualmente”.

A partir de 1808, com a chegada da corte



portuguesa, a emigração para as cidades se acentua, incrementando-se a cultura urbana, principalmente a do Rio de Janeiro<sup>4</sup>. A oposição entre litoral e interior nota-se lingüisticamente, entre o falar da cidade, constituída de brancos e mestiços e o falar crioulanizado da plebe, constituída de descendentes de índios, negros e mestiços da periferia.

Até princípios do século XIX, os escritores brasileiros estribavam-se no modelo europeu. Seguiam-lhe as normas gramaticais, procuravam manter unificada a língua culta, aumentando, assim, a distância entre a linguagem oral e a escrita. Para diminuir esta distância, tentar-se-á a formação de uma literatura brasileira em que se conciliariam a temática e a forma expressional.

## 2. INOCÊNCIA (TAUNAY, 1988)

O movimento romântico no Brasil teve grande repercussão no mundo das letras. O nacionalismo assume lugar preponderante, tendo como desdobramentos temáticos o indianismo e o regionalismo. Procurando ajustar-se a tais temas, os escritores exploravam, além dos primitivos habitantes, quando isolados ou em contato com o homem branco, também os habitantes rústicos, que não estivessem sob influência das cidades. Para expressá-los literariamente, era necessário criar uma linguagem que se adequasse às falas e atitudes das personagens.

Quando se tratava de temas indígenas, tudo era novo, portanto era mais simples criar fantasiosamente, não se tendo problemas com o real. Mas, quando se tratava de temas regionais, a dificuldade estava em registrar língua e costumes que fossem próximos dos da vida urbana. Isto levava o escritor a uma certa ambigüidade, oscilando entre a fantasia e o real, tornando irreais as descrições das situações narrativas (CANDIDO, 1971, p. 115-16).

A 1ª obra romântica *Suspiros Poéticos e Saudades* (1836), de Gonçalves de Magalhães, teve grande repercussão. O poeta-diplomata refere-se, no prefácio, a conquistas no campo lingüístico, mencionando que na obra havia palavras que não figuravam nos dicionários. A tendência era já, nessa altura, de renovação, buscando-se aproximar a língua literária da coloquial. Vale lembrar que até meados do século XIX, a cultura brasileira destacava-se por fortes traços de oralidade, com poucas escolas, bibliotecas, editoras. A imprensa só surgiu com a chegada de D. João VI, em maio de 1808, sendo o primeiro jornal, *Gazeta do Rio de Janeiro*, de setembro do mesmo ano.

Dentre os escritores românticos, que exerceram grande influência com suas obras de

temática brasileira, destacam-se primeiramente Alencar e Gonçalves Dias. A natureza brasileira, um dos símbolos românticos, passa a ser evocada e compreendida, como uma das formas de construção nacional. A consciência de uma realidade interiorana, em oposição à do litoral, isto é, da cidade letrada, procura valorizar o que é tipicamente brasileiro, nascendo, assim, as várias formas do sertanismo, uma prosa híbrida, na qual se contam exemplos de fala regional.

Taunay (1843-99), engenheiro militar e pintor, publicou *Inocência* em 1872, revelando cenário e costumes do sertão brasileiro, região onde se confluem as então províncias de Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais e São Paulo. O sertanejo, pequeno proprietário, constitui o grupo social do romance que se desenvolve em 30 capítulos e um epílogo. Destacam-se como código lingüístico as 124 notas de rodapé do autor.

Com mais de 30 edições, *Inocência* foi publicada em várias línguas (francês, inglês, alemão, italiano, espanhol, croata, sueco, dinamarquês, polaco, flamengo, japonês), e sua história foi adaptada para o teatro e cinema.

A intriga destaca os hábitos daquela região do Centro-Oeste brasileiro, em que a autoridade paterna e a reclusão da mulher devem vigorar como lei a ser cumprida com rigor. O conflito de sentimentos e de razões morais vai então se estabelecer pelo encontro de dois modos de vida: o do homem da cidade e o do homem do sertão, aquele ameaçando a ordem deste. As figuras, tipos ideais, são ditadas pelo convencionalismo romântico: Cirino, o apaixonado da cidade; Inocência, a cabocla autêntica; Pereira, o pai autoritário do sertão; Manecão, o sertanejo rude; Meyer, o cientista alemão que coleciona borboletas.

No primeiro capítulo o autor descreve o sertão bruto, onde “nenhum teto habitado ou em ruínas, nenhuma palhoça ou tapera dá abrigo ao caminhante”. O sertanejo demanda por aqueles capões, saudando alegremente os formosos coqueirais, cuja ninfa lhe há-de “estancar a sede e banhar o afogueado rosto”.

Valendo-se de sua vivência e observações na região, onde viveu por algum tempo, Taunay descreve paisagens e acontecimentos do sertanejo Pereira, mineiro das Gerais, nascido no Paraibuna, criado na Mata do Rio, batizado em Vassouras, tendo andado “ceca e meca” pelo sertão brasileiro. Confronta-se com Meyer, homem da cidade, naturalista alemão, que se dirige a *Inocência* de forma galanteadora, permitindo que se mascare a situação verdadeira, o interesse de Cirino pela jovem.

Documentando com objetividade a linguagem da região de Sant’Ana de Paranaíba, Taunay

integra personagens e suas falas nos cerrados, onde esteve por algum tempo como engenheiro militar, durante a Guerra do Paraguai. Seus regionalismos resultam, pois, de observação pessoal e direta do sertão e do sertanejo, integrada na sua vivida experiência de homem e militar. A oralidade, a seduzir um público leitor diminuto, naquela altura, será um dos traços significativos de *Inocência*.

Procurando legitimar termos e construções sintáticas brasileiras, o autor recorre a formas alteradas e transformadas do português do Brasil, de modo a registrar documentalmente a realidade brasileira. Assim, as notas de rodapé, colocadas no final da página, figuram como uma espécie de metalinguagem, explicitando termos e hábitos peculiares do sertão ou construções sintáticas, que fogem à norma culta gramatical. Tais comentários discursivos não delimitam o discurso ficcional, mas confirmam-no, tornam-no mais verossímil, o que permite ao leitor melhor entendimento da narrativa. Formam uma espécie de texto documental, paralelo ao literário. Assim, ao lado do narrador ficcional de 3ª pessoa, há outro narrador que podíamos chamá-lo de "documentarista", assumindo um tom didático. Confirmam-se os seguintes exemplos, extraídos das notas de rodapé:

- mapiar – termo peculiar aos sertões de Mato Grosso – quer dizer parolar, tagarelar. (nota 13);
- luxúria – superfluidades de luxo. (nota 19);
- para mim atalhá-la de pronto, – É este erro comum no interior de todo o Brasil, sobretudo na província de São Paulo, onde pessoas até ilustradas nele incorrem com freqüência. (nota 46);
- lavrados – chamam-se 'lavrados' na província de Mato Grosso colares de contas de ouro e adornos de ouro e prata. (nota 58);
- mateiro – veado do mato. (nota 63);
- curupira ou curupira – ser imaginário que, segundo a crença popular, é índio habitante das matas, tendo o calcanhar para diante e os dedos para trás. (nota 71);
- boitatá – outro personagem de nossas credences; é um touro furioso que bota fogo pelas ventas e queima tudo; cobra-de-fogo. (nota 72);
- cem mil-réis – é o preço por que um curandeiro queria curar um empalamado, por cuja fazendola passamos em julho de 1867, nesse mesmo sertão de Sant'Ana. (nota 110).

Fora da trama, as notas de rodapé guiam o leitor para uma melhor inteligibilidade do texto. Algumas vezes o narrador "documentarista" passa a palavra para uma das personagens, para se referir a pessoas conhecidas por ele, em suas andanças pelo sertão. Confira-se a nota 129 sobre a alma do coletor rondando a casa:

Esse coletor, de que fala Pereira e cuja alma, no dizer dos sertanejos, vagando pelas solidões de Sant'Ana, era um empregado público, que foi processado e preso depois de provada a concussão praticada no exercício das suas funções. Faleceu na prisão, e, como o Estado lhe seqüestrou os bens, caíram em abandono a excelente casa e fazenda que formara a umas trinta léguas da vila.

A vivência opressiva da mulher sem nenhuma possibilidade de opção vem demonstrada, vez por outra, quando o narrador, depois de uma das falas de Pereira sobre o casamento, comenta tal "opinião injuriosa" sobre as mulheres do sertão, que traz como conseqüência imediata e prática, além da

rigorosa clausura em que são mantidas, não só o casamento convencionado entre parentes muito chegados para filhos de menor idade, mas sobretudo os numerosos crimes cometidos, mal se suspeita possibilidade de qualquer intriga amorosa entre pessoa da família e algum estranho.

Tais considerações são confirmadas em seguida por nova fala de Pereira:

[...] isto de mulheres, não há que fiar. Bem faziam os nossos do tempo antigo. As raparigas andavam direitinhas que nem um fuso... Uma piscadela de olho mais duvidosa, era logo pau...[...] (p. 36)

O charlatão terapeuta, auto-intitulado médico, é figura dos sertões. No capítulo III, Taunay dedica-se a Cirino que, de simples caixeiro numa "botica velha e manhosa", passou a médico. Criou prática de receitar, agarrou-se a um Chernoviz, seu inseparável "vademecum", viajando para o sertão. Simples curandeiro foi, pouco a pouco, granjeando o tratamento de doutor.

Em Saint-Hilaire, naturalista francês que esteve no Brasil na primeira metade do século XIX, encontra-se esse tipo de charlatão, assim descrito:

Entre eles, um cirurgião que se apressou em me dar a conhecer seus títulos tomando ares de importância que pareciam dizer: 'Senhores, respeitem-me'. Cada qual se apressou em consultá-lo e entre outros um moço que o comandante de Rio Preto pediu-me que levasse a Barbacena e sofre de não sei que doença de pele. O honrado cirurgião disse-lhe que lhe ia

dar um remédio. No dia seguinte estaria são. Misturou efetivamente pólvora ao sumo do algodão. Com semelhante droga esfregou as partes enfermas a que benzeu depois, mandando o paciente deitar-se, e assegurou-se o êxito de sua medicação (SANTE-HILAIRE, 1974, p. 29).

As digressões fazem-se necessárias para elucidar termos regionais, desenvolvendo observações necessárias que, numa demonstração da onipotência do narrador, aprofundam os traços polifônicos da narrativa. São, antes de tudo, notações lingüísticas, observações pessoais sobre a realidade, a respeito das personagens ou das paisagens, buscando documentar com fidelidade o que narra e também imprimir-lhe cor local. Por vezes, o narrador insere-se no texto formulando comentários, atitude que já antecipa a dos escritores realistas. Utilizando-se da 1ª pessoa do plural (observamos, diremos), acaba por envolver o leitor para não deixar dúvidas quanto à verossimilhança. Confirma-se este fragmento sobre a figura de Meyer, o naturalista:

Devia ser homem bastante alto e esquivo e, como observamos, apesar da hora adiantada da noite, com olhos de romancista, diremos desde já que tinha rosto redondo, juvenil, olhos gázeos, esbugalhados, nariz pequeno e arrebicado, barbas compridas, escorrido bigode e cabelos muito louros. (p. 43)

### 3. REGIONALISMOS

Registraremos, a seguir, brasileirismos, ou seja, alguns termos indígenas ou outros acerca da natureza, e também algumas construções sintáticas regionais :

- capões - mato isolado, da língua geral *caá-puán* (nota 4); do tupi *kaa'pa~u*, pequeno bosque insulado num descampado. (A.G.Cunha) (Dicionário Etimológico, 1988).
- araraúnas – araras pretas (nota 6); o mesmo que arara, nome comum a diversas aves de grande porte, do tupi *a'rar*. (A.G.Cunha)
- caipora (p. 22) – do tupi *kaa'pora ka'a*, mato, + *pora*, habitante. (A.G.Cunha)
- pantano - no interior é comum a pronúncia grave, conforme a etimologia. (nota 9)
- vassuncê (p. 17), vosmecê (p.24), mecê (p. 33 e 95) – formas usadas no sertão em lugar de vossemecê, abreviação de vossa mercê .
- tapera – casa velha e abandonada (nota 18); aldeia indígena abandonada habitação em ruínas, do tupi *ta' pera, taua*, *taba+puera*, que foi.(A.G.Cunha)
- circunstância (senhora de) – importância (nota

25); Ferreira (1988) menciona “de circunstância”, como brasileirismo, significando importante, grave, ponderoso.

- tutu – pessoa de mais consideração e que pode tudo. Pereira fala do Major Martinho de Melo Taques, o qual morava com efeito na vila de Sant'Ana do Paranaíba e gozava de merecida influência (nota 26); na gíria brasileira “tutu” significa dinheiro. (Aurélio)

- mato (gente doente é) – isto é: há em abundância (nota 29); ainda hoje se usa com esse significado, conforme registra o Aurélio: ser mato, existir em abundância. (bras.)

- coco (Mas é coco grosso) – dinheiro (nota 31); o Aurélio registra como brasileirismo, isto é, muito dinheiro, dinheirama.

- grão soboró – grão falhado (nota 42); Aulete (1964) registra como brasileirismo, significando chocho, falhado; não consta do Aurélio.

- fundões (p.35, nota 49) – sertões.

- carandá – palmeira muito parecida com a carnaúba, se não for a mesma (nota 60); do tupi *kara'na*. (A.G.Cunha)

- limão cascado (p. 52, nota 76) – por limão descascado, forma usada em Mato Grosso.

- jururu (p. 121) - enjoado, abatido.

- chocolate (p. 126, nota 138) – café com leite e ovos batidos.

Observam-se também as corruptelas:

- rejume por regime (p. 52, nota 78).
- pirlas por pílulas (p. 71, nota 96).
- defronte por diferente (p.86, nota 112).
- ansim por assim (p. 97).
- sudutor por sedutor (p. 103).
- corguinho por correjozinho (p. 112, nota 126).

#### Construções sintáticas:

- mas porém (p. 22) – redundância da conjunção, para enfatizar mudança da seqüência anterior.

- para mim atalhá-la de pronto (p.33, nota 46); para mim tomar (p. 97); para mim cobrar (p. 119)

- construção comum no interior, principalmente na província de São Paulo.

- de maneiras que (p. 51) – forma coloquial da locução.

- haverá por força (p. 66) ; haverá de curar (p. 86); me haverá de perder (p. 97); que haverá de ser? (p. 113) – por houverá, forma do mais que perfeito, comum no interior.

- tomara ver o cujo chegado (p. 93); Este cujo é o cirurgiãoz? (p. 121) – forma substantivada do pronome, que é usada ainda hoje, na linguagem coloquial.

- Eu lhe vi apenas pouco tempo (p. 96) – construção da linguagem coloquial de certas classes sociais, hoje vulgarizada em canções populares.



- Pois é aí que padrinho pára... (p. 114, nota 128) – por padrinho mora, hospeda-se, brasileiro muito usado em algumas regiões do interior.

- tomara ver o *cujo* chegado! (p. 93); Este *cujo* é o cirurgião? (p. 121); O *cujo* foi quem a mandou [...] (p. 141) – forma substantivada do pronome relativo, que é usada ainda hoje no interior, na linguagem coloquial.

A novidade de *Inocência* provém de vários fatores. Um deles é o de registrar, através de termos e construções da região central do Brasil, variações lingüísticas, principalmente nas formas do diálogo, “diálogo mimético”, para Dino Preti (1987). Outro será o da oposição entre as personagens centrais: a analfabeta interiorana e o alfabetizado da cidade. Pereira chega a “arrenegar” a menina da cidade que “saiba ler livros de letra de forma e garatujar no papel...[...] Cá no meu modo de pensar, entendo que não se maltratem as coitadinhas, mas também é preciso não dar asas às formigas...” (p. 36) Tendo sido desrespeitado o código do sertão, elimina-se o casal amoroso. Cirino e Inocência não podiam sobreviver.

Segundo Heron de Alencar a popularidade de *Inocência* deve-se a uma história romântica e a descrições de costumes, episódios e cenários da vida do sertão brasileiro. E acrescenta:

O cunho da novidade que lhe registraram os contemporâneos, provém do realismo e certa graça com que fixou os costumes sertanejos, da descrição e, alguma vez, quase explicação dos cenários da história, da leveza e naturalidade dos diálogos espontâneos e vivos que pontuam a narrativa, alguns deles suficientes à caracterização das personagens, do registo de brasileirismos peculiares à região ou de particularidades do falar local, e, finalmente, à maneira natural e simples com que movimentou personagens e fatos do romance (1968, p. 269).

Finalizando, diríamos que o autor deu um tom sertanista à sua obra, principalmente pela linguagem pitoresca das personagens, recheada de expressões regionais do Centro-Oeste brasileiro.

## BIBLIOGRAFIAS

ALENCAR, Heron de. José de Alencar e a ficção romântica. In: *A Literatura no Brasil*. (dir. de Afrânio Coutinho). 2.ed. Rio de Janeiro: Sul Americana, v. 2, 1968, p.269

AULETE, Caldas. Dicionário contemporâneo da

língua portuguesa. In: Delta. 2.ed. Rio de Janeiro: Brasileira, 1964.

CANDIDO, Antônio. *Formação da literatura brasileira*. 4.ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1971.

Dicionário etimológico da língua portuguesa. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

FERREIRA, Aurélio Buarque de. Dicionário básico da língua portuguesa. São Paulo: Nova Fronteira, 1988.

RODRIGUES, Ayrton Dall' Igna. *Línguas brasileiras*. São Paulo: Loyola, 1994.

SAINTE – HILARE, Auguste de. Segunda viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo (1822). Belo Horizonte/São Paulo, Itatiaia/Edusp, 1974, p.29.

PRETTI, Dino. *Sociolingüística – os níveis da fala*. 6.ed. São Paulo: Nacional, 1987.

TAUNAY, Visconde de. *Inocência*. 26.ed. São Paulo: Ática, 1988.

## NOTAS

<sup>1</sup> Professora Dr<sup>a</sup> da Universidade do Estado de São Paulo/USP - Na pós-graduação *stricto sensu* - estudos comparados de literaturas de língua portuguesa.

<sup>2</sup> O termo “língua geral”, usado por portugueses e espanhóis, qualificou, inicialmente, as línguas indígenas de grande difusão numa área. Assim o “quêchua” foi a Língua Geral do Peru. No Brasil, a língua dos tupinambás, o tupi antigo, falada por grande extensão, chamou-se Língua do Brasil, Língua da Terra, Língua do Mar, no século XVI. Somente no século XVII é que se firmou como Língua Brasileira. O nome Língua Geral só começou a ser usado na segunda metade do século XVII. Havia a Língua Geral do Sul ou Língua Geral Paulista e a Língua Geral do Norte ou Língua Geral Amazônica. (RODRIGUES, Ayrton Dall' Igna. Línguas brasileiras. São Paulo: Loyola, 1994, p. 99-100).

A “língua geral” deve ser entendida aqui como “língua franca”, isto é, uma língua que tinha como objetivo a comunicação dos colonizadores e missionários com os indígenas, portanto, uma língua com propósitos utilitários, de intercurso mais prático.

<sup>3</sup> O séquito da família real compunha-se de quinze mil pessoas, número expressivo para a época.

<sup>4</sup> As notas são do autor, em rodapé. Quando mencionamos somente as páginas, os termos, no texto ficcional, encontram-se em itálico e as informações nossas são de dicionários consultados por nós.

**Aceito para publicação em 08/07/2004**

